

Cântico dos cânticos: parte do cânon sob censura

José Rubens L. Jardimino
Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP
Professor do Programa de Mestrado
e Doutorado em Educação/UNINOVE

Leandro de Proença Lopes
Doutorando em Educação / Uninove

Introdução:

O título deste ensaio, embora provocador, revela uma verdade: falar do belo poema de amor expresso no livro do Cântico dos Cânticos é falar de um texto bíblico pouco explorado na vida da igreja. Trata-se de um dos textos bíblicos pouco estudados, embora – possivelmente – seja lido com frequência. Acreditamos que se a moral cristã pudesse, colocaria sobre ele um véu para camuflar sua nudez – lhe travestiria, lhe ocultaria. Felizmente ela não pode mexer no cânon, e o poema erótico lá está, no meio da Bíblia, como que desafiando nosso entendimento sobre a Palavra de Deus a respeito da sensualidade. Por isso, ousamos dizer que ele é “censurado”, parece estar na Bíblia sob censura, pois apesar do reconhecimento da tradição e sua aceitação no cânon do A.T. como texto inspirado, procuramos ocultá-lo; às vezes por meio de uma interpretação alegórica, ou pelo simples desprezo do seu conteúdo no estudo da Bíblia como Palavra de Deus.

1. Sensualidade: um tema bíblico

A moral cristã, especialmente a protestante, não admite discussão sobre a sensualidade contida neste “livrinho”, que parece Deus tê-lo inspirado para incomodar esta pretensa moral puritana, que, mesmo fazendo uso de uma interpretação alegórica, quando lido em público, chega a ruborizar a face dos fiéis de tanto “pudor” puritano. A respeito disso, bem observou Paul Tillich (importante teólogo do séc. XX) que a igreja cristã, especialmente o protestantismo, era incapaz de compreender o mistério da sexualidade.

Mas acreditamos que Deus não quis ocultar este aspecto da vida humana que tanto procuramos esconder. Possivelmente o pouco uso deste texto se dê em função de sua linguagem carregada de símbolos que falam da beleza do corpo, da sensualidade... da vida, dádiva de Deus aos homens.

Teu umbigo [...] esta taça redonda onde o vinho nunca falta. Teu ventre, monte de trigo rodeado de açucenas. Teus seios, dois filhotes filhos gêmeos da gazela” (Ct 7.2-3). O que diria uma beata ao ler esses

versos? Ou o honrado pai de família? O garotão com sua gata? Ou o moço romântico que sonha com a princesa encantada? – certamente cada um teria uma resposta. Desde o rubor da beata até a indiferença do garotão. Pensar-se-ia que são versos escritos por um poeta qualquer. Na realidade ninguém pensaria que esses versos estão escritos no livro sagrado: A Bíblia. (Genilma BOEHLER, **Malolitos e Gozosos**. in UIRA, n. 7, São Paulo: Ubrase, 1988).

Nos dias atuais, quando já se fala em pós-modernidade e o debate sobre a sensualidade é uma das pautas do dia, não seria o momento de redescobrir o Cântico dos Cânticos, este livrinho que se encontra no coração da Bíblia, mas que se mantém escondido entre os demais livros sagrados? Não nos dará ele uma chave de entrada na compreensão do tema e provocar o debate nesta nossa sociedade profundamente sexualizada, porém tão pobre do amor forte que nos fala Cantares? Não será este livro uma palavra inspirada por Deus para uma sociedade extremamente voluptuosa?

Não estranhem – Deus é assim mesmo – nós não conhecemos os seus pensamentos, nem os seus pensamentos são os nossos, como afirmou o profeta. Ao invés de esconder – e como queríamos! – Ele revela. Revela que tudo que fez era bom, muito bom – inclusive a sexualidade.

Assim, o Cântico dos Cânticos parece nos conduzir por outros caminhos. Parece querer mostrar que a procriação não a única razão pela qual Deus nos criou sexuados. No dizer de Maraschin: “*A Bíblia fala de relacionamentos sexuais entre adultos como se fossem atividades lúdicas. A sexualidade está nos olhos (olhares)... no cheiro, na voz, nas mãos, nós pés... no corpo*”. Está no corpo, corpo criado por Deus à sua imagem e semelhança.

Seria bom se pudéssemos prosseguir nesta meditação seguindo as pisadas do poeta de Cantares, falar do amor em versos metafóricos, mas, nossa intenção é didática, e por isso vamos tentar abrir uma porta que nos leve a outros caminhos. Tentar compreender este poema de amor dentro de um universo racional no qual os estudiosos o enclausuraram – vamos trocar o coração pela razão.

2. Uma história de amor que deu muita confusão

A discussão sobre a origem da coleção de poemas do Cântico dos Cânticos passa pela linguagem empregada. Sua aparência com a literatura Siro-Palestinense e com a de todo Oriente antigo determinou o debate sobre a origem do texto.

Também a exegese que orientou a crítica bíblica para discutir sua origem fixou-se a partir da influência de termos gregos e aramaicos que encontrou no texto.

A primeira hipótese é que sua origem está atrelada ao período do humanismo Salomônico (séc. IX), período influenciado por toda a literatura circunvizinha. Foi essa conotação – uma possível autoria de Salomão – um dos motivos que tornou possível sua aceitação no cânon do A.T. Possivelmente esta tenha sido a mais forte razão para seu ingresso nas Escrituras Sagradas.

Em apoio a esta hipótese vem a argumentação de que o Cântico dos Cânticos aponta similitudes com outros cânticos de Salomão (cf. 1 Rs 4.32), além da publicação de coleção de poemas na literatura sapiencial desenvolvida no período salomônico como ilustração do tema que trata Pv 30.19. Os seus defensores indicam a coleção – Ct 8.6-8 – como texto similar ao de Provérbios sobre o tema dos amantes. Esta peça, para os defensores desta tese, aparece como uma assinatura anônima do colecionador dos cânticos.

A segunda hipótese se fundamenta na roupagem aramaica e grega de vários termos que aparecem no texto. Isto permitiu que os estudiosos considerassem a origem do texto numa época pós-exílica.

Há, entretanto um meio termo para a questão: a possibilidade desses cânticos, mesmo sendo do período anterior, terem sofrido influências pós-exílicas. Isto explicaria os termos com origem grega e aramaica. Em meio a esta discussão, porém, não pairam dúvidas sobre o local onde se desenrola o evento amoroso narrado no texto. As referências aos lugares, o tipo de vegetação e até as construções não deixam dúvidas de que se tratasse da região Siro-Palestinense.

3. Uma porta de entrada indicando várias direções

O texto de Cantares, na história da tradição, possibilitou várias alternativas de interpretação, mas prevalecendo uma porta de entrada, permitindo à Igreja olhá-lo apenas sob um determinado ângulo.

a) A primeira porta de entrada foi conhecida como **Naturalista** ou **Realista**, ou seja, uma compreensão “ao pé da letra”. O povo entendia o livro como uma expressão do amor erótico. Segundo Selim e Fohrer (1977) esta foi a mais antiga porta de entrada deste livro.

Por causa desta compreensão muitos já foram censurados, banidos e até mesmo condenados ao silêncio. Eis alguns exemplos:

a.1) No segundo século muitos dos mestres fariseus amaldiçoavam todos os que cantassem esses poemas em festas nupciais.

a.2) Teodoro de Mopsuéstia, um cristão do IV século, foi condenado no II Concílio de Constantinopla (553) por defender a interpretação realista.

a.3) Na Reforma, em 1547, Calvino exonerou da Cátedra de teologia um de seus amigos, Sebastião Castellion, por haver publicado uma exegese do livro de Cantares na perspectiva realista e literal. Calvino não só o exonerou da docência como também o excomungou expulsando-o de Genebra, não respeitando nem mesmo os laços de amizade que os unia. A ortodoxia é maior que a amizade...

b) A segunda porta de entrada no texto é Alegórica. Esta foi uma interpretação que se impôs na história eclesiástica porque leva os leitores a uma compreensão espiritual do texto, tendo servido inclusive para justificar sua entrada no cânon escriturístico. Desde os documentos das grutas de Qumrán (grupos radicais no zelo religioso) até o cristianismo atual tem imperado esta interpretação.

No judaísmo, esta interpretação alegórica com alusão aos valores espirituais foi direcionada para entender o amor entre Deus e Israel, e que na tradição cristã aparece como uma metáfora realçando os traços da mulher de Cantares com a relação do amor existente entre Cristo e sua Igreja e até mesmo da Alma para com Deus.

Acredito que devemos reconhecer o sucesso desta interpretação, entretanto devemos também reconhecer que ela é apenas uma das portas de entrada no texto de Cantares e que as outras também merecem nossa apreciação.

c) A terceira porta de entrada, acreditamos, é relevante enquanto conhecimento histórico das relações e valores com os quais Israel conviveu e até de certa forma recebeu influências. Chamamos de interpretação mítica-cultural, porque os amantes envolvidos nos poemas são interpretados como sendo divindades masculinas e femininas unidas num matrimônio sagrado. Referem-se aos cultos e mitos do antigo oriente, numa liturgia que celebrava as núpcias sagradas de um casal de deuses palestinos. Esta interpretação também tem uma perspectiva alegórica.

d) Os adeptos do método histórico-crítico – método que usa de diversas técnicas científicas na tentativa de se chegar ao sentido “original” do texto – têm insistido que não se deve fugir do fato de que o Cântico dos Cânticos é uma celebração do amor erótico; e na sua vertente latino-americana, têm chamado a atenção para o papel do poema de denunciar as opressões contra a mulher. Devem ser observadas também algumas características do livro que o aproximam do conjunto dos livros do A.T., como o fato de ser dividido em 5 poemas (1,5-2,7; 2,8-3,5; 3,6-5,8; 5,9-8,4 e 8,5-14), em semelhança com os 5 livros dos salmos e também com os 5 livros da Torah.

4. Compete-nos censurar a Deus?

A Igreja sempre correu o risco de cometer um grande pecado – submeter Deus aos seus caprichos e dogmas – a Bíblia nos aponta um Deus Soberano, por isso um grande perigo que corre a igreja é cair na tentação de aprisionar a ação e a revelação de Deus segundo os caprichos humanos.

Cantares é um poema de amor e o aceitamos como inspirado por Deus, pois a Bíblia toda é considerada uma “carta magna de Deus” dirigida à humanidade. Ela é um discurso que aponta o caminho do amor como um caminho para se viver melhor. Todavia, infelizmente, esta é uma afirmação que carece de esclarecimentos, pois é o *amor* uma palavra tão percorrida e sujeita a toda a sorte de interpretações, que quem fala sobre o amor deve esclarecer o que se quer dizer. Há uma prática de se “classificar” o amor, fragmentando-o segundo categorias e modalidades submetidas a critérios pré-estabelecidos. Isso ocorre tanto no senso comum quanto no mundo acadêmico, principalmente através da análise dos diferentes “amores” encontrados em sua raiz grega: *avga,ph, fi,loj, e,roj*.

Tanto nos habituamos a essa fragmentação do amor – e influenciados pela moralidade cristã – que, ao falarmos de amor como o caminho apresentado por Deus para vivermos o seu reino, naturalmente entendemos que o amor erótico não faz parte disso. Mas como Deus não tinha tradição puritana, falou do amor sensual e sexual como algo bom, pois tudo que fez era bom, muito bom!

Em sua teologia sistemática, Paul Tillich (1967) demonstra que não se pode falar de amor para com Deus se eliminarmos a dimensão do e,roj. “Trata-se do amor para com o mais alto poder de ser que existe, no qual nos realizamos” (TILLICH, 1988 p.129).

Na medida em que a linguagem devocional fala do anseio de Deus por sua criatura e na medida em que a linguagem mística fala da necessidade que Deus tem do homem, o elemento de libido é introduzido na noção de amor divino(...) Se Deus é descrito em linguagem religiosa e teológica como conduzindo em direção ao *eschaton*, i.e., à plenitude última na qual ele é “tudo em tudo”, pode ser comparado com o tipo e,roj de amor, o impulso pelo *summum bonum* (Tillich, 1984, p.235).

Jaci Maraschin (2006) ainda observa que o amor erótico está na raiz de todas as expressões relacionadas com amor, contestando a afirmação corrente de que o amor de Deus, chamado de ágape, não contém elementos eróticos.

Nesta perspectiva, podemos afirmar que o sexo, desejo, sensualidade, simpatia, comunhão, amizade – tudo isso faz parte de Deus, como plantas de um mesmo jardim. A celebração do amor erótico na Bíblia é um desafio aos cristãos a se alegrarem com o fato de Deus tê-los criados sexuados, pois nenhum ser humano seria completo sem o outro. E isso Ele nos revelou na experiência da criação (Gn 2).

O amor é o encontro com outro, e isto ultrapassa o sexo. Por isso consideramos pecado o sexo sem amor (mesmo entre pessoas casadas). Não se pode servir o amor sem amor, uma vez que o amor vem de Deus e os que são nascidos de Deus amam e se deixam amar. A sexualidade nesta perspectiva é o símbolo maior do amor divino. Assim sendo, entendemos que não é lícito censurar Deus por ter inspirado os namorados no texto bíblico a cantarem o amor, exaltando a beleza dos seus corpos como simples poemas de amor, do Amor que Deus fecundou entre as suas criaturas sexuadas, feitas a sua imagem e semelhança

5. Será que o cântico dos Cânticos pode contribuir para o debate atual sobre a sensualidade/sexualidade?

O amor é tão poderoso como a morte; e a paixão é tão forte como a sepultura. O amor e a paixão explodem em chamas e queimam como um fogo furioso. Nenhuma quantidade de água pode apagar o amor, e nenhum rio pode afogá-lo (Ct 8. 6b-7a).

A sensualidade e a sexualidade são temas atuais, e estão em debate. A cada dia as pessoas buscam ficar mais sensuais. Na década de 60 a juventude desafiava os valores da sociedade tradicional com o sexo livre. Atualmente não temos ainda soluções suficientes para os problemas decorrentes dos temas da sensualidade e da sexualidade, como a sexualidade precoce, a gravidez na adolescência, as doenças sexualmente transmissíveis, dentre elas, a Sida, e muitas outras questões em aberto sobre o tema. Sem dúvida, um dos principais obstáculos para se encarar estes problemas de maneira adequada é o fato de que ainda hoje, no limiar do terceiro milênio, as reflexões sobre a sexualidade são revestidas de preconceitos e tabus. Não restam dúvidas também de que a moral religiosa contribui decisivamente para isso, pois sob a influência da formação religiosa, a questão da sexualidade é encarada como algo pecaminoso. No dizer do prof. Amaral:

A história de relações afetivas criadas na infância... é uma história cheia de estórias de terror sobre um deus bravo, que sempre está mal-humorado, que manda pro inferno as pessoas que desejam, que gostam do seu próprio prazer. Pessoas que simplesmente desejam, gostam e sentem. (Derly AMARAL. *Algumas reflexões sobre a sexualidade*. in UIRA, n. 7, 1988).

Certamente esses preconceitos e tabus orientam a maneira como se pretende combater os problemas decorrentes dos temas da sexualidade. Infelizmente observamos atualmente que as soluções são comumente paliativas, técnicas e burocráticas demais, sem tocar o “dedo na ferida”: os problemas decorrentes dos temas da sexualidade são sintomas de uma sociedade doente, desesperada por prazer de viver, mas que já não sabe mais encontrar esse prazer...

O erotismo não pode mais ser um tema ausente nas discussões sobre a sexualidade. E seria muito bom que a religião não mais alimentasse os tantos preconceitos e tabus já existentes, mas, que contribuísse acenando com a bênção do Deus da vida à celebração do amor, inclusive o erótico.

Nós sabemos que Deus falou de sensualidade e sexualidade num livro da Bíblia, e, ainda mais, Ele fala do tema do Amor na Bíblia inteira. Voltamos à pergunta: não seria Cantares uma chave importante para o debate atual sobre a sexualidade, nesta sociedade completamente voluptosa, como se o sexo fosse a única fonte inesgotável do prazer? Possivelmente podemos dizer que o sexo está a serviço do amor e não o contrário. Mostrar a partir de Cantares e por toda a Bíblia a sensualidade de Deus em tudo que fez. Acredito que o Cântico dos Cânticos seja uma chave de leitura para abrir o debate sobre a sensualidade nas igrejas hoje. Talvez nossa tarefa mais difícil seja não tentar camuflar a sua mensagem, nem tão pouco censurar a palavra de Deus. É só deixá-lo falar.

Conclusão: Quem bebe desta água ainda terá sede?

Jesus respondeu à mulher samaritana: “*Se você beber da água que eu te der, jamais sentirá sede*”. Temos em mãos uma fonte preciosa de água salutar e potável para falar do amor numa perspectiva divina,

tanto à juventude, ávida de amor, como à sociedade sensualizada de nossos dias. Falta-nos apenas ferramentas pastorais para nos apropriarmos desta fonte exegética e dela fazer um manancial que afogue a sede de erotização destes dias do mundo, já chamado de pós-moderno.

Referencias Bibliográficas:

- Derly AMARAL. Algumas reflexões sobre a sexualidade. in *UIRA*, n. 7, São Paulo: Ubraje 1988
- Genilma BOEHLER, Malditos e Gozosos. in *UIRA*, n. 7, São Paulo: Ubraje, 1988
- Maraschin, Jaci. Eros cheio de graça: o corpo e o amor de Jesus. In., *Estudos de Religião* n. 30, São Bernardo do Campo, UMESP, jun, 2006
- Sellin, Ernest; Fohrer, G. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo, ed. Paulinas, 1977 (vol.1,2)
- Tillich, Paul. *Systematic Theology*. (vol one). Chicago. The University of Chicago, 1967. (tradução em português pela Ed. Paulinas, 1984)
- Tillich, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 1988